

Futebol e Identidade na Guerra Civil Iugoslava

Eduardo Barboza Cotrim

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v10i2p60-88

Resumo: No mundo contemporâneo é comum ouvirmos que futebol e política não se misturam. O código de ética da FIFA atesta que todos sob sua administração devem manter-se politicamente neutros, sob pena de punição administrativa. Essa afirmação frequentemente não corresponde à realidade dos fatos. Esporte e política caminham lado a lado em níveis profundos da sociedade, inclusive este código de ética da entidade controladora do futebol no mundo é um exemplo da relação política envolvendo o esporte. O objetivo do presente artigo é analisar a relação político-identitária do futebol na República Socialista Federativa da Iugoslávia, em um primeiro momento utilizado como centralizador de uma identidade única entre os países membros, personificada por Josip Broz Tito e seu ideal de “unidade e irmandade” e posteriormente, em particular após a morte de Tito, como veículo de expressão, construção e representação de um sentimento/identidade nacional específico de cada república, germinando a conjuntura que levou a eclosão da Guerra Civil. Trataremos aqui em especial da Sérvia e da Croácia.

Palavras-chaves: Futebol; Guerra; Identidade; Iugoslávia; Simbolismo

* Bacharel em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Contato: barbozacotrim@gmail.com

Agradeço ao Prof. Dr. Angelo Segrillo, pela orientação e auxílio durante a execução desta pesquisa.

Apresentação

Esta pesquisa busca expressar o vínculo entre política, identidade e futebol na eclosão da Guerra Civil Iugoslava da década de 1990. O campo metodológico incorpora insights de Kathryn Woodward e suas interpretações acerca de identidade – sua formação, consolidação e formas de afirmação, sobretudo sua teoria do “eu x o outro” – em conjunto com Samuel Huntington e sua pesquisa a respeito da guinada nos conflitos civilizacionais a partir da segunda metade do século XX. O contexto da ex-Iugoslávia será definido a partir do debate com diversos teóricos e especialistas Iugoslavos, em especial Ivan Dordević.

Examinaremos este campo delimitado acima em seu relacionamento com o futebol – principalmente sua representação popular expressa nas torcidas organizadas – e com o “mito fundador” das repúblicas formadas após a Guerra Civil e derrocada da Iugoslávia. Mostraremos ainda como esta relação foi instrumental nos processos que levaram à explosão do conflito bélico que originou o fim da Iugoslávia. Richard Mills, historiador Britânico especialista em Iugoslávia, nos oferece um material extenso para debater o tema (MILLS, 2018). Sua análise de fontes da época e seu minucioso trabalho investigativo se revelaram indispensáveis à pesquisa. No tangente ao futebol, às torcidas organizadas e seu relacionamento com a sociedade, serão utilizadas as teorias de Jonhan Huizinga, Luiz Henrique de Toledo e Mauricio Murad.

Este artigo abrangerá o período posterior à formação da segunda Iugoslávia, em 1945, até a explosão da Guerra Civil em 1991. Serão também brevemente descritos os contextos anteriores e posteriores ao delimitado acima. Neste ponto, é necessário salientar que trataremos especialmente dos contextos sérvio e croata,

seus maiores, mais tradicionais e populares clubes de futebol - O Estrela Vermelho de Belgrado e o Dinamo de Zagreb - além de suas torcidas organizadas - o Delije e os BBB (Bad Boys Blue), respectivamente. O artigo será complementado por fontes visuais e imagéticas, representações da época e da atualidade, além de explorar dois dos maiores arquivos digitais a respeito de futebol, seus dados, estatísticas e sua história: o acervo da FIFA e o RSSSF ARCHIVE.

Introdução

Após o final da Primeira Guerra Mundial e a derrocada de dois dos maiores impérios da História Contemporânea – Império Austro-Húngaro e Império Turco Otomano – alguns ex-territórios destas duas potências caídas decidiram unificar os povos eslavos da região, formando em 1919 o Reino dos Croatas, Sérvios e Eslovenos. Após uma década de negociações e rearranjos, em 1929 foi criado o Reino da Iugoslávia, a “primeira” Iugoslávia. Ao buscarem a união dos povos eslavos, entretanto, os monarcas da época se esqueceram das grandes diferenças culturais, linguísticas e religiosas que estas sociedades possuíam.

Os anos do “entre guerras” foram difíceis para o recém-formado reino, permeados por diversas mudanças de poder e tensões entre as etnias que o compunham. Em direção ao contexto político-social da Europa na época, movimentos nacionalistas e ideológicos de vertentes opostas começaram a surgir dentro do Reino da Iugoslávia, em especial aqueles provenientes da Sérvia e da Croácia.

Esta é a situação interna do reino quando, em 1941, a Alemanha nazista invade e domina o território iugoslavo, o que gerou a criação de três frentes: Os Ustase, grupo nacionalista croata de extrema direita, lutaram lado a lado e forneceram apoio aos invasores nazistas; os Chetniks, grupo nacionalista Sérvio; e por último o exército

Futebol e Identidade na Guerra Civil Iugoslava

Partisan, formado por grande massa popular, seguindo uma ideologia comunista e liderado pelo General Josip Broz Tito.

Durante os quase cinco anos de confrontos assistiu-se a uma limpeza étnica generalizada, promulgada especialmente pelos Ustase que, utilizando-se dos campos de concentração dos invasores nazistas, promoveram um genocídio das outras etnias que compunham o então Reino da Iugoslávia. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o exército Partisan logrou-se vitorioso, e a partir deste se originou a “segunda” Iugoslávia.

A memória desses tempos sombrios permeará o imaginário popular da Iugoslávia de Tito: por parte do Estado, a constante confirmação de que o povo unido venceu os nazistas e aqueles que os apoiaram; por parte da população, a lembrança de guerrear com seus próprios conterrâneos, mais um fator complicado na frágil estrutura étnica que compunha o país.

A República Socialista Federativa da Iugoslávia, a “segunda” Iugoslávia, foi formada após a Segunda Guerra Mundial, constituída pela união de seis repúblicas: Sérvia, Kosovo, Croácia, Montenegro, Bósnia e Herzegovina e Macedônia, cada qual com suas peculiaridades, dispondo de sua própria língua e religião, uma verdadeira mescla cultural.

O Estado foi edificado em torno do general que comandou o exército Partisan na expulsão dos nazistas do território iugoslavo, Josip Broz Tito, inicialmente nomeado Primeiro Ministro, eleito presidente em 1953 e uma década mais tarde indicado para o cargo de presidente vitalício, onde permaneceu até sua morte em 1980. Tito conduziu o Estado seguindo uma política de “não alinhamento” durante a Guerra Fria, de forma a se afastar de Stalin e aproximar-se do Ocidente, ocupando

uma posição intermediária entre as superpotências da época.

Daniel Aarão Reis Filho, historiador brasileiro especialista em União Soviética, aponta para a dificuldade de Stalin centralizar e unificar tantos povos diferentes sob uma nova e única bandeira, a Soviética. Segundo o autor, a Segunda Guerra Mundial, em especial a invasão do território soviético, foram fundamentais para a elevação deste sentimento unitário, contra um inimigo comum, em prol da União Soviética (REIS FILHO, 2007, cap.5). Tito enfrentou a mesma dificuldade na Iugoslávia, mas seu plano possuía diretriz diferentes: o general buscou unificar o povo iugoslavo através de seu ideal de “irmandade e unidade”, no qual os esportes ocupavam papel central, internamente, como centralizador das paixões nacionais, e externamente como meio de divulgação e demonstração de força do regime.

Em particular em um contexto de Guerra Fria, os esportes representavam um campo no qual a Iugoslávia Socialista poderia defender sua ideologia de “Não Alinhamento” como um instrumento poderoso nas relações internacionais [...] celebrando a superioridade ideológica da ‘irmandade e unidade’, em nível nacional, e do movimento de não alinhamento, em nível internacional. (BRENTIN; ZEC, 2017, p.719 e 720, tradução própria).¹

A seleção nacional de futebol da Iugoslávia apresentava-se assim, para Tito, como grande veículo de persuasão e coesão interna, além de um modelo a ser visto e invejado externamente. E os selecionados não desapontaram. A seleção iugoslava alcançou glórias no campo futebolístico: a maior delas o ouro Olímpico em Roma 1960, ao vencer a Dinamarca; foi duas vezes vice campeã europeia, em 1960 e 1968, perdendo para URSS e Itália, respectivamente; alcançou as semifinais da Copa do

¹ No original: “Particularly in the context of the Cold War, sport represented a social field in which socialist Yugoslavia could champion its ideological ‘third way’ of the Non-Aligned Movement as an instrument of international relations [...] They celebrated Yugoslavia’s unifying role championing the ideological superiority of ‘Brotherhood and Unity’ on the national level and Non-Aligned Movement on the international level.”

Futebol e Identidade na Guerra Civil Iugoslava

Mundo em duas oportunidades, 1930 e 1962; além de conquistar o mundial sub-20 em 1987 no Chile. As maiores conquistas da seleção ocorreram após Tito subir ao poder, servindo de veículo importante para a difusão de seu projeto unificador.

Apesar da importância conferida aos esportes em seu projeto unificador, sublinhada pelo próprio Tito em um discurso no qual aborda a coesão do povo iugoslavo: “Irmandade e Unidade é um fator essencial. Entre os esportistas existem poucos problemas com isso. Eles devem ser um exemplo no desenvolvimento deste ideal, porque o esporte é universal, além de muito importante, não apenas em um país multiétnico como o nosso.” (MILLS, 2018, Cap.5, tradução própria).² Richard Mills, historiador britânico especialista em Iugoslávia, atenta à posição central do General neste processo. Ele foi o corpo e o espírito que unificou o povo iugoslavo em torno de uma única e nova nação (MILLS, 2018, Cap.6). Após sua morte, a unidade iugoslava entrou em cheque, o que gerou uma abertura no campo para novos políticos movidos por suas próprias agendas, pautadas por interesses locais.

Identidade e guerra

O longo século XX, marcado pelas maiores guerras mundiais já vividas pela humanidade, chegava ao fim. A União Soviética estava em derrocada e com ela o espectro do comunismo em nível mundial. Neste momento há uma mudança na maneira de se conceber embates civilizacionais, até então carregados de oposições políticas, econômicas e ideológicas. Segundo Samuel Huntington (HUNTINGTON, 1997), a partir da última década do século XX as guerras serão determinadas por confrontos étnicos e culturais.

² No original: “Brotherhood and unity is an important factor. Among sportsmen there are the fewest of these problems. They should be an example in the development of brotherhood and unity, because sport is universal, very useful and important, and not only in a multi-ethnic country.”

No mundo pós-Guerra Fria, as distinções mais importantes entre os povos não são ideológicas, políticas ou econômicas. Elas são culturais [...] A política mundial está sendo reconfigurada seguindo linhas culturais e civilizacionais. Nesse mundo, os conflitos mais abrangentes, importantes e perigosos não se darão entre classes sociais, ricos e pobres, ou entre outros grupos definidos em termos econômicos, mas sim entre povos pertencentes a diferentes entidades culturais. (HUNTINGTON, 1997, p. 20 e 21)

Em sua obra “Identidade e diferença”, Kathryn Woodward estabelece a concepção de identidade que será utilizada neste artigo (WOODWARD, 2014). Segundo a autora, o período definido por Huntington será marcado por uma “crise de identidade”, motivada pela “desestabilização que se seguiu ao colapso da ex-União Soviética e do bloco comunista do Leste Europeu, causando a afirmação de novas e renovadas identidades étnicas e a busca por identidade supostamente perdidas” (WOODWARD, 2014, p.21 e 22). No tocante ao contexto iugoslavo, Woodward aponta para uma relação estreita entre a renovação identitária, até então voltada à nação iugoslava coletiva, agora “dividida em ao menos dois grupos em oposição – ‘nós e eles’, ‘sérvios e croatas” (WOODWARD, 2014, p.13), estabelecida simbolicamente por sistemas de representação que “podem incluir um uniforme, uma bandeira nacional.” (WOODWARD, 2014, p.13).

Este é o ponto de partida da presente análise, que percorre as últimas décadas da Iugoslávia até o princípio da sangrenta guerra civil que se arrastaria até o início do século XXI. É importante salientar que focaremos exclusivamente nos contextos croata e sérvio, seus clubes de futebol mais relevantes, o Dinamo de Zagreb e o Estrela Vermelha de Belgrado e suas representações populares personificadas pelas torcidas organizadas, os Bad Blue Boys e a Delije, respectivamente. Estes são instrumentos simbólicos poderosos do processo delineado por Woodward, que

Futebol e Identidade na Guerra Civil Iugoslava

refletem seu papel nesta reconfiguração político-identitária destacada por Huntington.

Das arquibancadas para a frente de batalha

O debate acerca da formação e das primeiras manifestações de torcidas organizadas é extenso. As primeiras representações de futebol e seu espetáculo remontam à Idade Média, mas o futebol “profissional” tem início, segundo a Fifa (Federação Internacional de Futebol), no final do século XIX, mas precisamente em 1863 quando é fundada a Football Association, federação de futebol da Inglaterra. Com sua popularização na virada do século XIX para o XX e a fundação da FIFA em 1904 - conferindo ao esporte uma maior organização - inicia-se a formação de grupos de torcedores. Torcidas organizadas, barras bravas, hooligans, ultras, estes grupos recebem diversas denominações ao redor do mundo, cada qual influenciado e germinado pelos contextos próprios de suas localidades.

Segundo Luiz Henrique de Toledo, as primeiras torcidas organizadas no Brasil se originaram nas décadas de 1930 e 40, sofrendo mudanças drásticas a partir dos anos 1960. (TOLEDO, 1996). As primeiras torcidas organizadas brasileiras se caracterizavam por “simpatizantes de um determinado clube com uniforme e música” (TOLEDO, 1996, p.21). Acompanhando as grandes mudanças sociais e políticas ocorridas no Brasil a partir da década de 1960 – ditadura militar, perseguição estatal, crise econômica, etc - as torcidas organizadas passam a representar muito mais que grupos com músicas e uniformes. Influenciadas pelo contexto interno do país, elas “adquirem sentido político na medida em que regulamentam e socializam regras, valores, condutas, estabelecendo relações de poder, acionando certos instrumentos simbólicos a partir de uma vivência concreta” (TOLEDO, 1996, p.32). É nesta época, inclusive, que a violência se insere no contexto das organizadas. Estes grupos passam

a ser caracterizados no senso comum como “gangues”³, “o comportamento geral dos torcedores representa potencialmente perigo, desvio, perturbação e violência” (TOLEDO, 1996, p.41).

De maneira similar, os hooligans surgem no Reino Unido por volta do final do século XIX, disseminando-se no contexto futebolístico a partir da década de 1950. A crise econômica britânica das décadas de 1960-70 estimulou a busca de renovação social e cultural, fomentando a formação de diversos grupos, como os skinheads, que, neste contexto de crise, aglutinaram-se ao redor dos hooligans, buscando no futebol uma zona de expressão popular. Este processo garantiu aos hooligans algo que Toledo descarta das organizadas brasileiras, uma organização quase “política”, representando mais que um grupo de torcedores, mas um conjunto de valores, uma ideologia em comum. O autor enfatiza que hooligans, antes de tudo, refere-se a um tipo de comportamento adotado por estes agrupamentos de torcedores: violência, transgressão deliberada, anonimato, expressão e representação de ideologias e pensamentos específicos (TOLEDO, 1996).

As práticas sociais implementadas pelos agrupamentos hooligans apontam para formas de protesto e negação mais radicais perante o outro. Por sua vez, este outro generaliza-se na figura dos torcedores, nos transeuntes, nos policiais, sobretudo nos imigrantes e, idealmente, no sistema político e *status quo*. (TOLEDO, 1996. p.131)

Estabelecemos, portanto, uma ligação entre o *modus operandi* destes grupos e o contexto político-social das regiões em que estão inseridos. Concerne à nossa

³ Toledo combate esta conotação negativa das torcidas organizadas brasileiras, apesar de reconhecer o ambiente de violência que o circunscreve. O autor aponta para “formação de um padrão de sociabilidade engendrado pelas torcidas organizadas, expresso em uma determinada maneira de torcer e participar do futebol profissional, incorporando novos símbolos, inaugurando performances, uma estética, comportamentos, regras, organização, constituindo um determinado estilo de vida no modo como usufruem e participam do futebol.” (TOLEDO, 1996, p.122).

Futebol e Identidade na Guerra Civil Iugoslava

análise delimitar dois pontos importantes acerca das considerações feitas por Toledo. Os agrupamentos de torcedores na Iugoslávia, especificamente o Delije e os BBB, aproximam-se muito mais da noção atribuída por Toledo aos hooligans. Contudo, é importante salientar que a escolha de termos como “torcida organizada”, “hooligans” e seus derivados, para referirmos aos agrupamentos de torcedores iugoslavos, não designa à estas as características específicas indicadas por Toledo ao analisar estes dois agrupamentos. Serão usadas apenas para indicar grupos, agrupamentos, movimentos de torcedores iugoslavos que atuam de forma similar às discutidas acima.

A década de 1980 foi marcada por uma profunda crise política, social e econômica na Iugoslávia, causada entre outros motivos pela morte de Josip Tito, personificação do Estado iugoslavo, aliado ao surgimento de novas faces políticas importantes, em especial Slobodan Milošević e Franjo Tuđman, cada qual protegendo sua própria agenda nacional: o primeiro preocupado com a centralização do Estado iugoslavo em torno da Sérvia, o segundo defendendo a unidade e independência croata ante o sistema vigente, considerado pró-Sérvia. É nesta época que as torcidas organizadas ganham relevância na Iugoslávia⁴, marcadas por uma relação estreita com o contexto social vigente à época, a “composição multiétnica da Iugoslávia foi essencial para a evolução da rivalidade entre as torcidas, marcadas por um componente nacional” (MILLS, 2018, Cap.6, tradução própria).⁵ Em um primeiro momento este componente nacional era apenas um dos artefatos marcantes da rivalidade entre as torcidas, ao final da década, no entanto, tomaria papel central.

Richard Mills (MILLS, 2018, Cap.6) aponta para uma divisão étnico-social

⁴ O Delije foi fundado em 1989, enquanto os BBB (Bad Blue Boys) foram fundados em 1986.

⁵ No original: “Yugoslavia’s multi-ethnic composition was key to the evolution of a specific Yugoslav variety of a fan rivalry, with a ‘national component’”.

pautada nos clubes de futebol. Torcer para o Estrela Vermelha, por exemplo, tornou-se sinônimo de ser sérvio, atraindo multidões de descendentes sérvios nascidos e criados em outras repúblicas. Segundo o autor, estes grupos de torcedores sublinham o relacionamento próximo entre torcedores, clubes de futebol e identidade nacional. Esta análise de Mills se coaduna com a pesquisa de Ivan Dordević (DORDEVIĆ, 2016). O historiador sérvio estabelece uma ligação íntima entre o pertencimento à nação sérvia e o apoio ao Estrela Vermelha de Belgrado. Segundo Dordević “O Estrela Vermelha F.C. representava um dos pilares do nacionalismo sérvio, enquanto seus torcedores eram considerados a vanguarda do movimento patriótico da época” (DORDEVIĆ, 2016, p.120, tradução própria).⁶ O cenário está montado, o que aponta para Woodward e sua identidade relacional, o “eu x o outro”.⁷

Srdjan Vrcan e Drazan Lalic, ambos pesquisadores croatas, analisaram o contexto descrito na Iugoslávia, especificamente no tocante às torcidas organizadas e sua transformação de meros torcedores a soldados nos confrontos armados (VRCAN; LALIC, 1999). Segundo os historiadores croatas, a cultura dos torcedores organizados é marcada por uma metáfora ritualística de batalha, cujo modelo a ser seguido compreende, dentre outras coisas, atos de vandalismo, brigas e destruição do patrimônio, especialmente em jogos fora de casa - no “território do inimigo” - aliado a um senso de pertencimento, afirmação de identidade e completa lealdade⁸. Vrcan e Lalic prosseguem sua análise afirmando que este tipo de comportamento fornece um traço político importante, cuja conclusão seria uma guinada desta metáfora do campo

⁶ No original: “Red Star FC was endowed with the epithet of pillar of Serbdom, while its supporters were considered for patriotic avant-garde of the time.”

⁷ Segundo a autora, a identidade sérvia depende de outra para existir, de uma identidade que não é ela - no caso, a croata - “A identidade sérvia se distingue por aquilo que ela não é. Ser um Sérvio é ser um “não croata” (WOODWARD, 2014, p.9).

⁸ A análise de Vrcan e Lalic assinala semelhanças entre a atuação das torcidas organizadas na Iugoslávia e àquela que Toledo confere aos hooligans (TOLEDO, 1996).

Futebol e Identidade na Guerra Civil Iugoslava

futebolístico ao campo de batalha “Neste sentido, a guerra total na antiga Iugoslávia pode ser vista como uma amplificação da metáfora de batalha entre torcedores” (VRCAN; LALIC, 1999, p.180, tradução própria).⁹

Esta efervescência social já podia ser sentida nas arquibancadas espalhadas pelo território iugoslavo cuja representação, segundo Srdjan Vrcan e Drazen Lalic, indica um prelúdio do colapso do Estado:

Considerando os eventos nos estádios espalhados pela Iugoslávia no final da década de 1980, não há necessidade de um grande intelecto para prever o destino da nação. As ações, banners, slogans, cantos e o simbolismo em grande escala nos estádios, aliado ao clima criado pelos torcedores de Zagreb, Split e Belgrado, eram indicadores claros do eminente colapso do sistema social. Eles anteciparam a união de estratégias políticas nacionalistas, impulsionando confrontos violentos e finalmente a guerra (SRDJAN; LALIC, 1999, p.177, tradução própria).¹⁰

Tal movimentação popular chamou a atenção das autoridades governamentais, que buscaram alinhar as representações sociais ecoadas nas arquibancadas aos seus interesses políticos. As atividades difundidas nos estádios condiziam com as agendas políticas de Milosević e Tudman, cujas configurações fixavam laços íntimos entre a política local e os torcedores. Tanto o Delije, de um lado, como os BBB (Bad Blue Boys) do outro, revelaram-se importantes antros de treinamento e recrutamento militar para os futuros exércitos nacionais e paramilitares, movimento que recebeu apoio e financiamento direto dos respectivos governos.

⁹ No original: “In this sense, the total war waged in the former Yugoslavia may be seen as a true amplification of the fan war metaphor.”

¹⁰ No original: “Considering events in Yugoslavian stadiums in the late 1980s, one may state that no great intellect was needed to predict the nation’s fate. The actions, banners, slogans, chants and symbolism used on a massive scale in football stadiums, and the climate created by fans from Zagreb, Split and Belgrade, were all clear indicators of the impending collapse of the social system.”

Neste cenário surge Željko Ražnatović, o Arkan¹¹, “torcedor” mais famoso da história da Iugoslávia, o “sicário” favorito de Milosević, que fora diretor do Estrela Vermelha antes de entrar para a política. Arkan atuava como um gangster no leste europeu até o início da década de 1980, quando retorna para Iugoslávia e reestrutura o movimento de torcidas organizadas do Estrela Vermelha, paralelamente atuando como segurança particular da equipe e de seus jogadores. A partir de então ele ocuparia uma posição de destaque nos confrontos que estavam próximos de explodir.

A partir das próprias fileiras do clube, uma organização paramilitar de hooligans foi formada e armada (...) Os torcedores do Estrela Vermelha se tornariam as tropas de choque de Milosević, os mais ativos agentes de limpeza étnica, genocidas altamente eficientes. (FOER, 2005, p.18)

Milosević não tinha plena confiança no exército estatal, formado pelos comunistas na época de Tito com o único intuito de promover e assegurar a unidade iugoslava. A saída foi formar um exército “paramilitar”, constituído por aqueles que à época melhor representavam o ideal nacionalista almejado. “O Delije de Arkan revelou-se um irresistível veículo de recrutamento.”(FOER, 2005, p.25), de fato a proposta mostrou-se fortuita, “O Delije deixou os acessórios de seus patrocinadores em algum lugar sobre a abóbada do estádio Marakana e saiu para guerra de rifle na mão” (FOER, 2005, p.26).

Em meio a todo esse alvoroço social, chegamos ao dia 13 de maio de 1990, data que marca para sempre no imaginário local – e internacional – a estreita ligação entre o futebol e a Guerra Civil que eclodiria um ano mais tarde. No estádio Maksimir, em Zagreb, enfrentavam-se Dinamo de Zagreb e Estrela Vermelha de Belgrado, o

¹¹ Um retrato detalhado sobre Arkan pode ser encontrado em (FOER, 2005).

Futebol e Identidade na Guerra Civil Iugoslava

maior “clássico” do futebol iugoslavo. A “partida que nunca acabou” foi definida por uma batalha campal entre os torcedores sérvios e croatas, fortemente reprimida pelo policiamento estatal, considerado sérvio. A confusão espalhou-se pelas ruas de Zagreb gerando um verdadeiro pandemônio.

O confronto resultou em 117 policiais e 80 torcedores feridos, além da prisão de mais de 100 torcedores. Fora do estádio, os BBB (Bad Blue Boys) estenderam a luta pelas ruas de Zagreb, incendiando carros, depredando trens e comércios – especificamente aqueles com alguma ligação com sérvia – finalizando os protestos com uma “campana” em frente ao parlamento croata, clamando a imediata independência da Croácia.

Este episódio é considerado por muitos o estopim da Guerra Civil Iugoslava. Seu valor simbólico é mais importante que seu valor concreto, recheando ainda mais o arcabouço social que acarretou o confronto armado. A narrativa derivada da batalha do Makmsir, como indica Richard Mills, marcou o espírito dos milhares de torcedores sérvios e croatas que trocaram as bandeiras pelos fuzis na guerra civil. Segundo Mills, o incidente solidificou as identidades nacionais e o papel dos torcedores/clubes nesta conjuntura. (MILLS, 2018, cap.7). A guerra ainda tardaria um ano para eclodir, mas o cenário estava pronto.

Os confrontos violentos entre torcedores continuam, nos dias atuais, como símbolos poderosos para compreensão dos últimos anos da Iugoslávia e sua dissolução, com muitos argumentando que o dia 13 de maio de 1990, quando os torcedores do Estrela Vermelha e do Dinamo de Zagreb se enfrentaram em uma batalha campal, representa o “dia que a guerra começou”. (BRENTIN; ZEC, 2017, p.720, tradução própria).¹²

¹² No original: “The violent **clashes** between opposing fans remain to this day a powerful symbol of the final years of Yugoslavia and its demise, with many arguing that 13 May 1990, when *Dinamo Zagreb* and *Crvena Zvezda Beograd* fans clashed, represented ‘the day the war started’”.

O futebol, neste panorama, é um instrumento poderoso para compreensão da conjuntura iugoslava paralela à guerra civil. Ele “compreende cenários, personagens, enredos, símbolos e significados que, em conjunto, formam uma metalinguagem, isto é, uma realidade social que não fala só de si, que vai mais além” (MURAD, 2007, p.20). Através deste simbolismo somos capazes de “estudar contextos mais amplos, que ajudam a explicar o processo de formação do caráter de um povo. Isso mesmo, caráter em seu sentido plural, complexo e contraditório” (MURAD, 2007, p.20).

Este simbolismo é marcado por imagens curiosas, a primeira referente ao imaginário croata: Zvonimir Boban, o maior craque do futebol croata a época, chutando a face de um policial durante a batalha no Maksimir. Dordević atenta para a maneira como “através da história do ídolo futebolístico e sua “voadora”, a narrativa mística estava reforçada [...] Boban garantiu seu lugar (no imaginário croata) como um herói mítico que se sacrificou em nome da pátria” (DORDEVIĆ, 2012, p.210, tradução própria)¹³.



¹³ No original: “Through the story of the footballer and his ‘high kick’ the whole mythic narrative was told [...] earned Boban the role of the mythic hero who made sacrifice for a humiliated nation.”

Futebol e Identidade na Guerra Civil Iugoslava

Imagem 1: Boban agredindo policial durante o caos no Maksimir. Fonte: Ultras-Tifo, disponível em: <<https://www.ultras-tifo.net/memories/3151-memories-dinamo-zagreb-crvena-zvezda-13051990.html>>, acessado em 30/03/2020.

Há, no entanto, um episódio simbólico mais importante no imaginário sérvio. Um ano após a batalha do Maksimir, o Estrela Vermelha de Belgrado atingiu a maior glória de qualquer instituição futebolista na história da Iugoslávia, sagrando-se campeão da Copa dos Campeões da Europa em 1991. Neste momento a guerra estava prestes a explodir, e a imagem da equipe campeã é sintomática desse contexto. Na época de Tito, este feito seria exaltado como uma conquista da nação iugoslava, inserido em sua ideal de “unidade e irmandade”. Às vésperas da guerra civil, no entanto, observamos todos os jogadores sérvios da equipe executando um símbolo nacionalista, o dedo indicador e o do meio formando um “V”, enquanto os poucos jogadores/membros da comissão técnica que pertencem a outras repúblicas iugoslavas mantinham-se neutros.

Este paradoxo é analisado por Ivan Dordević (DORDEVIĆ, 2016). Segundo o historiador, o Estrela Vermelha de Belgrado poderia representar uma Iugoslávia unida, composto por jogadores sérvios, croatas, bósnios, macedônios e montenegrinos, apresentando a estrutura multiétnica almejada por Tito durante décadas. No entanto, apesar da mescla cultural do elenco, inserido no contexto da época, o Estrela Vermelha de Belgrado representava primordialmente a Sérvia em uma escala simbólica.

Naquela noite de primavera em 1991, este clube sérvio escreveu a mais gloriosa página do futebol iugoslavo. Enquanto isso, o país que este clube representava, Iugoslávia, iniciou o episódio final do processo que nos anos subsequentes levaria à dissolução do Estado, acompanhada de uma guerra civil sangrenta.

(DORDEVIC, 2016, p.117, tradução própria).¹⁴



Imagem 2: Equipe do Estrela Vermelha de Belgrado comemorando o título da Copa dos Campeões da Europa. Fonte: Xtratime, disponível em: <<https://www.xtratime.org/threads/the-best-football-teams-of-all-time.271140/>>

Fragmentos de um confronto

O confronto armado explode em 1991, arrastando-se até o início do século XXI, com repercussões na atualidade, como, por exemplo, a questão do Kosovo. Não adentraremos neste mérito, visto que o objeto de análise é outro. No entanto, as representações contemporâneas acerca da simbologia futebolística no contexto da guerra civil iugoslava são latentes nas novas sociedades que se formaram após o combate militar, em especial àquelas decorridas da batalha no Maksimir em maio de 1990. Em ocasião do vigésimo aniversário do ocorrido, Ivan Dordević produziu um trabalho analisando as narrativas contemporâneas acerca do tema (DORDEVIĆ, 2012),

¹⁴ No original: "On that spring night in 1991, this Serbian club wrote the most glorious pages of Yugoslav football history. Meanwhile, the country this club represented, Yugoslavia, started the final episode of process which in the coming years ended in final dissolution of the state and bloody civil war that accompanied it."

Futebol e Identidade na Guerra Civil Iugoslava

concluindo que:

A metáfora do Maksimir é funcional nas narrativas nacionais na Sérvia e na Croácia, servindo de alicerce para uma ampla compreensão do cenário político dos dois países, indicando que os discursos nacionalistas ainda buscam seu “outro”. (DORDEVIĆ, 2012, p.212, tradução própria)¹⁵

A influência do futebol na Guerra Civil é sentida nas ruas de Zagreb e Belgrado, ilustrada e incrustada no simbolismo futebolístico, como veremos abaixo, nos murais e monumentos, inclusive nos novos meios tecnológicos sociais. Em seu site oficial, o Delije atesta que “Todos nós sabemos que a noção de ‘ser sérvio’ está intrinsicamente ligada ao Estrela Vermelha FC e seus torcedores, desde os torcedores ‘comuns’ até as torcidas organizadas” (DORDEVIĆ, 2016, p.120, tradução própria).¹⁶

A narrativa midiática contemporânea acerca do tema é sintomática deste processo. A pesquisa de Dordević (DORDEVIĆ, 2012) explicita como o ideal do “eu x outro” pinta os relatos atuais sobre os acontecimentos explicitados até aqui e suas repercussões na conjuntura recente:

A análise da cobertura midiática acerca da “partida que nunca acabou” entre Dinamo de Zagreb e Estrela Vermelha de Belgrado, 20 anos após o evento, evidencia que o discurso popular na Sérvia e na Croácia não mudaram muito. A mídia Sérvia devota pouca atenção ao assunto, na maioria do tempo defendendo sua “inocência” no processo¹⁷ [...] Por outro lado, na Croácia o “mito do Maksimir” age como um mito fundador. Vinte anos após a guerra e a conquista da independência, fortalecida pela vitória na Guerra Civil, a memória deste evento é poderosa e inquestionável [...] funcionando como um símbolo de um novo começo (o renascimento da nação croata) (DORDEVIC, 2012, p.212,

¹⁵ No original: “The Maksimir metaphor is still functional in public narratives in Serbia and Croatia serving as framework for understanding the broader political situation in the two countries and indicating that the nationalist discourses still seek their ‘significant other’ in the immediate surrounding”.

¹⁶ No original: “We all know that the notion of Serbdom is inextricably bound both with Red Star FC and with its supporters, from the first sympathizers to the organized fans.”

¹⁷ Segundo Dordević, esta postura foi adotada em face a derrota sérvia na guerra, servindo como uma tentativa de “abafar” as atrocidades cometidas durante o confronto armado. No entanto, a postura de “eu x outro” segue, buscando eximir-se de qualquer culpa, transferindo a para os croatas.

tradução própria).¹⁸

As imagens abaixo são exemplos da correspondência atual entre o futebol e todos os acontecimentos narrados acima, explicitando a relevância simbólica destes eventos para o imaginário popular destas sociedades em um cenário de pós-guerra:

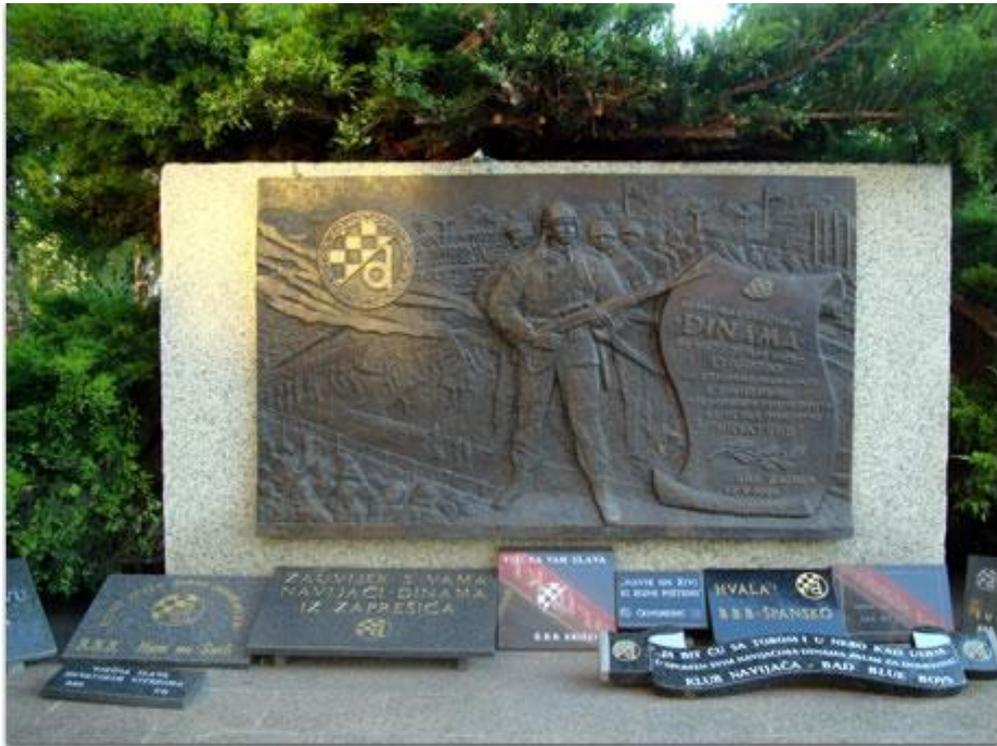


Imagem 3 - Monumento homenageando o Dinamo de Zagreb e todos os torcedores que lutaram pela pátria na guerra civil. Fonte: zgportal, disponível em:

<https://www.zgportal.com/aktualno/najave/arhiva/2012/26-godina-bad-blue-boysa-i-nogometni-derbi-dinamo-hajduk/>

¹⁸ No original: "The analysis of the media coverage of the never ended match between Dynamo and Red Star 20 years after the event shows that the public discourses in Serbia and Croatia haven't changed much. The media in Serbia devoted little attention to the event, mostly insisting on the 'innocence' of the Serbian side [...] Unlike Serbia, in Croatia the Maksimir incident function as the founding myth. Twenty years later when independence has been achieved and further strengthened by winning the Homeland War, the memory of this event is powerful and unquestionable [...] functions as a symbol of the new beginning (the rebirth of the nation)."

Futebol e Identidade na Guerra Civil Iugoslava



Imagem 4 - Murais no estádio Marakana, em Belgrado, homenageando os torcedores "heróis" que lutaram pela Sérvia na guerra civil. Fonte: Designboom, disponível em: <<https://www.designboom.com/art/belgrade-soccer-stadium-murals/>>, acessado em 22/03/2020.



Imagem 5 - Mural em Zagreb ilustrando o lance de Boban. Percebemos outras menções ao episódio do

Maksimir inscritos entres os dois policiais: a data, 13/05/1990 logo abaixo do local, Maksimir. Fonte: Ultras-Tifo, disponível em: <<https://www.ultras-tifo.net/memories/3151-memories-dinamo-zagreb-crvena-zvezda-13051990.html>>, acessado em 30/03/2020.

Futebol e Identidade na Guerra Civil Iugoslava

De encontro a este debate, é interessante retomar o trato com a seleção nacional de futebol da Iugoslávia, principalmente no que se refere as cisões e o imaginário oriundo da guerra civil iniciada em 1991. A copa do mundo de 1990, realizada na Itália, foi a última que a Iugoslávia unida “de Tito” disputou. Entretanto, em 1998, a República Socialista Federativa da Iugoslávia, formada a época apenas por Sérvia e Montenegro – posteriormente, em 2003, renomeada “Sérvia e Montenegro” – disputou a competição realizada em solo francês, sendo eliminada nas oitavas de final pela Holanda. Ironicamente, sérvios e montenegrinos assistiram seus ex-compatriotas croatas alcançarem a terceira colocação em sua primeira Copa do Mundo, após vencer a mesma Holanda por 2x1. Além disso, Davor Suker, que havia sido campeão mundial sub-20 em 1987 e disputado a copa de 1990 pela Iugoslávia, foi o artilheiro da competição. As imagens abaixo são elucidativas desta ironia: primeiramente, a equipe iugoslava de 1987, campeã mundial sub-20 no Chile; posteriormente vemos Suker e Boban, já citado anteriormente, comemorando a medalha de bronze da Copa do Mundo de 1998.



Imagem 6: Seleção Iugoslava comemorando o título mundial sub-20, no Chile, em 1987. Suker (a esquerda, no meio) segurando a bandeira iugoslava e Boban (exatamente no “meio”) vestindo agasalho e abraçando dois companheiros. Fonte: Trivela. Disponível em: < <https://trivela.com.br/iugoslavia-sub-20-que-conquistou-o-mundo-encantou-todos-e-ainda-hoje-atoca-imaginacao/> > , acessado em: 06/11/2020.



Imagem 7 – Davor Suker (esquerda) e Boban (direita) comemorando a medalha de bronze na Copa do Mundo de futebol de 1998, na França. Fonte: BBC. Disponível em: < http://news.bbc.co.uk/sport2/hi/football/euro_2004/croatia/3702031.stm > , acessado em 06/11/2020.

Marcada em monumentos, em grafites espalhados pelas cidades e nas paredes

Futebol e Identidade na Guerra Civil Iugoslava

do estádio Marakana, em Belgrado, a influência dos acontecimentos que culminaram em uma das mais sangrentas guerras civis das últimas décadas se faz presente na contemporaneidade destas “novas” sociedades. Os clubes analisados – Dinamo de Zagreb e Estrela Vermelha de Belgrado – continuam como os maiores e mais populares clubes de seus respectivos países. As torcidas organizadas atuam, ainda hoje, ativamente sobre estas sociedades, englobando um movimento de representação nacionalista exacerbada – já salientado durante a análise, atualmente com uma linha um pouco distinta ¹⁹ - cujo maior lócus se desenvolveu nos países europeus, beirando o neofascismo. Esta é uma discussão paralela que merece receber atenção, mas que não podemos abordar neste artigo.

No tocante ao universo esportivo, mais de meio século após Tito dar início ao estímulo estatal interno aos esportes, o resultado é sentido na maioria das novas repúblicas oriundas da Iugoslávia: os croatas se destacam com propriedade. Além do terceiro lugar na Copa do Mundo de 1998 na França, alcançaram o vice-campeonato mundial na Copa do Mundo de 2018, na Rússia, ao perderem a final para a França por 4x2. No quesito individual, Luka Modrić, croata nascido na época da Iugoslávia, foi eleito pela FIFA o melhor jogador de futebol do mundo no ano de 2018. Com feitos menores, mas que merecem destaque, a Sérvia participou de 3 edições de Copa do Mundo, a de 2006 – quando ainda era Sérvia e Montenegro – a de 2010 e a de 2018; Além da Sérvia, a Bósnia e Herzegovina também participou de uma edição de Copa do Mundo, em 2014, no Brasil.

¹⁹ Se em um primeiro momento o sentimento nacionalista simbolizado pelas torcidas organizadas funcionou como propulsor da separação da Iugoslávia e representação territorial destas nações, agora funciona como defensor da unidade e “prosperidade” destas, servindo-se de discursos preconceituoso, xenófobos e racistas. “Dessa forma, acentua-se uma conotação política expressa na intolerância e no exercício de um conjunto de idéias que, mesmo difusos e dispersos no discurso e na prática desses atores, dizem respeito a grupos específicos – os neofacistas e neonazistas.” (TOLEDO, 1996, p.131).

Neste novo cenário de rivalidade, Croácia e Sérvia se enfrentaram em 2013, pelas eliminatórias da Copa do Mundo de 2014, no estádio Marakana em Belgrado. A partida terminou 1 a 1, um empate “murcho”, mas a imagem marcante do confronto não ocorreu dentro de campo. Nas arquibancadas do Marakana, torcedores sérvios queimaram uma bandeira croata, explicitando o clima de enfrentamento presente nas narrativas contemporâneas destas sociedades.



Imagem 8 – Torcedores sérvios queimando bandeira croata durante partida entre as duas seleções em 2013, no estádio Marakana em Belgrado. Fonte: Globo. Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/eliminatarias-europa/noticia/2013/09/servia-empata-com-croacia-e-torcedores-queimam-bandeira-rival.html> > , acessado em 05/11/2020.

Considerações finais

Enfim, a presente pesquisa buscou mostrar que o futebol, seguindo as premissas de Huizinga (HUIZINGA, 2000), atuou ativamente sobre estas sociedades da ex-Iugoslávia, desde Tito até os dias atuais, em gênero e grau diferentes, exercendo influência direta no curso destes povos.

Futebol e Identidade na Guerra Civil Iugoslava

Definida pelos dois aspectos fundamentais que nele encontramos: uma luta por alguma coisa ou a representação de alguma coisa. Estas duas funções podem também por vezes confundir-se, de tal modo que o jogo passe a 'representar' uma luta, ou, então, se torne uma luta para melhor representação de alguma coisa. (HUIZIGA, 2000, p.17)

O futebol se inseriu primeiramente nestas sociedades em um contexto aglutinador, servindo como veículo de centralização das etnias que compunham a "segunda" Iugoslávia. Como vimos, o projeto de Tito logrou êxito – pelo menos no campo esportivo - em um curto espaço de tempo. No entanto, além do caráter unificador deste projeto, não podemos negar seu cunho populista. O frágil relacionamento interno, herdado das épocas da "primeira" Iugoslávia, não foi superado. Após a morte de Tito, o povo perde seu líder populista, verdadeiro condutor da unificação iugoslava. A partir de então assistiu-se na década de 1980-90 um aumento nas tensões étnicas – de encontro a teoria de Huntington (HUNTINGTON, 1997) - que marcaram as "duas" Iugoslávias durante seus quase 100 anos de existência.

Neste momento o futebol assume valor completamente oposto ao que Tito almejou. Será espaço de gestação, difusão e, mais significativamente, de expressão dos sentimentos nacionalistas, pautados em linhas étnicas, dos povos eslavos que compunham a Iugoslávia, "passaram a vislumbrar no futebol um espaço significativo de visibilidade social para externar formas de protesto." (TOLEDO, 1996, p.127). Como mostramos, o papel do futebol é simbólico em diversas esferas dos acontecimentos narrados, mas também é direto. Os confrontos, a conjuntura, os clubes e torcidas foram veículos de expressão e procedimentos dos movimentos nacionalistas que levaram à guerra. Após o conflito, sua influência ainda é sentida nestas sociedades. Na memória popular acerca da guerra, o futebol está intrinsecamente ligado a seus

acontecimentos, demonstrando que:

O futebol, na qualidade de esporte que é, com suas características de competição, de vitória e derrota, com suas lógicas e contradições e como um evento coletivo de larga e profunda repercussão, demonstra e exercita a sociedade na qual está inserido. Como forte elemento da vida coletiva, finca suas raízes nos modos de ser, pensar e agir, nos valores das identidades do lugar. Como instituição social, organiza-se a partir de redes simbólicas e, devido a seu alcance e representação, transforma-se em síntese de uma determinada cultura e via de acesso à compreensão de seus fundamentos e de sua história. (MURAD, 2007. p.18)

Usualmente desvalorizado pela academia como um objeto de estudo menor, a partir da experiência da ex-Iugoslávia, podemos concluir que o futebol não é apenas um jogo ou um esporte de alto rendimento. É uma metáfora social, um objeto de análise valioso para compreender uma sociedade em suas múltiplas faces, constituindo assim um tema de estudo pertinente. Por meio dele somos capazes de conceber um corpo social específico e interpretar sua História, seu comportamento, enfim, sua vivência e existência. No caso da ex-Iugoslávia o futebol não apenas refletiu os aspectos políticos dos processos em curso como influenciou e participou ativamente dos mesmos.

Referências

Tabelas e relação de jogos e competições disputadas pela seleção nacional de futebol masculino da Iugoslávia entre 1920 e 2009. Disponível em: <<http://www.rsssf.com/tables/joeg-intres-intro.html>>, acessado em 05/11/2020.

Acervo da Fifa. Disponível em < <https://www.fifa.com/fifa-tournaments/archive/> > , acessado em 25/05/2020.

Imagens 1 e 5; imagens gravadas no confronto do Maksimir - <<https://www.ultras-tifo.net/memories/3151-memories-dinamo-zagreb-crvena-zvezda-13051990.html>>, acessado em 30/03/2020

Código de Ética da FIFA. Disponível em <<https://resources.fifa.com/image/upload/es-fifa-code-of-ethics-2018-version-takes-effect-12-08-18.pdf?cloudid=cqlg58ne3iabhpamzaf>>, acessado em 26/05/2020.

Futebol e Identidade na Guerra Civil Iugoslava

Imagem 2, disponível em <<https://www.xtratime.org/threads/the-best-football-teams-of-all-time.271140/>> acessado em 27/03/2020.

Imagem 3, disponível em <<https://www.zgportal.com/aktualno/najave/arhiva/2012/26-godina-bad-blue-boysa-i-nogometni-derbi-dinamo-hajduk/>> , acessado em 20/04/2020.

Imagem 4, disponível em < <https://www.designboom.com/art/belgrade-soccer-stadium-murals/>>, acessado em 22/03/2020.

Imagem 6. Trivela. **A Iugoslávia sub-20 que conquistou o mundo.** 2017. Disponível em: <<https://trivela.com.br/iugoslavia-sub-20-que-conquistou-o-mundo-encantou-todos-e-ainda-hoje-atica-imaginacao/>>

Imagem 7. BBC News. **Croatia Struggles With it's past.** 2004. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/sport2/hi/football/euro_2004/croatia/3702031.stm>

Imagem 8. Globo. **Sérvia empata com a Croácia e torcedores queimam bandeira rival.** 2013. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/eliminotorias-europa/noticia/2013/09/servia-empata-com-croacia-e-torcedores-queimam-bandeira-rival.html>>

Bibliografia

BRENTIN, Dario; ZEC, Dejan. From the Concept of the Communist “New Man” to Nationalist Hooliganism: Research Perspectives on Sports in Socialist Yugoslavia. **The International Journal of the History of Sports**, 34:9, 2017, p.713-729.

BLACKBURN, Robin (org.). **Depois da queda: O fracasso do comunismo e o futuro do socialismo.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992 – prefácio, p.9-17.

CARVALHO, José Eduardo de. **150 Anos de Futebol: Geopolítica.** São Paulo: SESI-SP, 2012.

DORDEVIĆ, Ivan. The Role of Red Star Football Club in The Construction of Serbian National Identity. **Tratitiones** - Scientific Research Centre of the Slovenian Academy of Sciences and Arts, Vol.45, No.1, 2016, p.117-132.

DORDEVIĆ, Ivan. **Twenty Years Later: The War Did(not) Start at Maksimir.** An Anthropological Analysis of the Media Narratives about a Never Ended Football Game. Cultural Heritage and Identity Project: Ministry Of Education, Science and Tech Glasnik Etnografskog instituta SANU, 2012, Volume 60, Issue 2, p. 201-216.

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização.** Trad: Carlos Alberto Madeiros – Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

HUIZINGA, Johan. **HOMO LUDENS: O jogo como elemento da cultura.** São Paulo: Perspectiva, 2000, p.3-31;217-236.

HUNTINGTON, Samuel. **O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial.** São Paulo: Objetiva,1997.

KAJTEZOVIĆ, Adnan. **The Disintegration of Yugoslavia and Football**, University of Northern Iowa, 2015.

MACDONALD, David Bruce. **Tito's Yugoslavia and after: Communism, post-Communism, and the war in Croatia**. In: Balkan Holocaust? Serbian and Croatian Victim Centered Propaganda and the War in Yugoslavia. Manchester University Press, 2002, p.183-219.

MILLS, Richard. **The Politics of Football in Yugoslavia**. Londres: I.B. Tauris, 2018.

MURAD, Mauricio. **A Violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: Editoria FGV, 2007, p.11-66.

NARCIZO, Makchwell Coimbra. Dos campos de futebol para os campos de batalha: uma análise da Guerra dos Bálcãs. **Revista FuLia** (UFMG), v.2 – maio-ago 2017, p.113-126.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **Uma revolução perdida: A história do socialismo soviético**. Ed. Fundação Perseu Abramo. São Paulo, 2007.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas Organizadas de futebol**. Autores Associados/Anpocs. Campinas-SP, 1996.

VRCAN, Srdjan; LALIC, Drazen. From Ends to Trenches, and Back: Football in the Former Yugoslavia. In: ARMSTRONG, Gary; GIULIANOTTI, Richard (org.). **Football Cultures and Identities**. MACMILLAN PRESS LTD: London, 1999, p.177-185.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.